

A CONSTRUÇÃO FILOSÓFICA DO PERFIL DOCENTE: REFLEXÕES NECESSÁRIAS À PRÁTICA

Fabiana Martinello Paez – UNESC
Antonio Serafim Pereira – UNESC

Eixo Temático: Formação e valorização dos profissionais da educação

RESUMO

Pensar em perfil profissional docente, nos remete ao processo de formação continuada de professores. Acreditamos que o perfil docente está intimamente relacionado, ou ainda, é o resultado, do processo de auto-formação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com a prática vivenciada ao longo de seu percurso. Neste processo o docente constrói e reconstrói seus saberes, conforme a necessidade de sua utilização e suas experiências. Estes saberes vão-se constituindo a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Neste sentido, objetivamos neste trabalho, refletir sobre a construção filosófica do perfil docente no processo de formação continuada, a partir dos princípios que constituem as principais concepções filosóficas da educação, entre as quais as propostas por Saviani (1994), a saber: humanista tradicional, humanista moderna, analítica e concepção dialética. No texto, além de se descrever as concepções mencionadas, discute-se como se relacionam ou se articulam com as correntes ou tendências filosóficas. Destaca-se a importância do docente produzir sua identidade profissional fundamentada em princípios e referências de mundo, utilizando-se criticamente das contribuições e dos debates filosóficos, a fim de que possa ter clareza que sua prática precisa pautar-se pela intencionalidade. Também para que tome consciência de que não basta responder à pergunta: qual o tipo de cidadão/ã queremos formar e em que mundo queremos que vivam. É preciso pois, que tenha presente a base filosófica que ampara seu pensar e seu fazer. Que sua opção seja pela concepção dialética, para que possa compreender as consequências de usar, consumir, reproduzir, criar, produzir e comunicar conhecimentos. Acreditamos que, por esta via (que não é a única), se pode construir a lucidez de que necessitamos para perceber as significações traduzidas no currículo escolar e quais as intervenções necessárias para que possamos produzir novos projetos curriculares e novas significações. Quem sabe uma nova visão sobre projeto pedagógico e sobre formação docente ? especialmente, a continuada ? necessários ! É nesta linha que este trabalho se desenvolve e se conclui.

Palavras chave: Concepção filosófica. Perfil. Identidade. Prática. Formação docente

1. INTRODUÇÃO

Nenhuma prática, em qualquer área profissional, é constituída no vazio. Toda manifestação é resultado de uma construção simbólica, muitas vezes imperceptível, mas carregada de sentido, em um processo em que se configuram e se articulam as referências de mundo e de si mesmo, conceitos, crenças, ideias, atribuições sobre si e sobre seu ambiente

físico e social. Na docência não é diferente. O nascimento biológico e social do ser humano é o marco do início da constituição de uma identidade e perfil, que é resultado do meio em se vive pela apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos ao longo do tempo. Este processo, segundo Rego (2007) , resulta da interação dialética do homem e de seu meio sócio-cultural, em que ao mesmo tempo em que transforma seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.

O primeiro exemplo de docência acontece dentro do ambiente familiar, desde a mais tenra idade. Assim aquilo que é manifestado por alguém em alguma situação é resultado de suas experiências advindas das redes sociais e do contexto histórico e cultural do qual o sujeito faz parte.

A construção do perfil e da identidade docente é o resultado de um processo de construção e desconstrução permanente que resulta em uma identidade mutável pois está sujeita às modificações do social tornando-se um processo eminentemente dialético. Esta construção é orientada por um conjunto de crenças, princípios e valores, que o docente constrói ao longo de sua trajetória.

2. Construindo um perfil docente

A prática do docente é orientada pela forma como vê o mundo, pelos objetivos que pretende atingir, por sua concepção de educação, de homem, pelo entendimento do que é verdade. Entretanto, o docente nem sempre é capaz de explicitar claramente as concepções filosóficas que o influenciam, muito embora um espectador experimentado, possa identificá-las em sua ação pedagógica. As posturas teóricas e filosóficas influenciam os conhecimentos docentes e passam a ser traduzidas nas suas concepções de verdade, realidade, homem e mundo. Portanto, sua prática pedagógica é o processo resultante destas crenças e de sua concepção filosófica, e que, portanto é uma produção humana ideológica que não é neutra.

A Filosofia conseguiu desenhar essas construções em um tempo e espaço definidos, possibilitando que cada sujeito consiga situar-se, percebendo em qual concepção sua prática está fundamentada. Possibilita que o sujeito produza o conhecimento partindo das suas crenças filosóficas em um processo de construção e reconstrução, formulando e reformulando suas respostas, procurando verificar nas manifestações da realidade a adequação de suas respostas. Este processo de busca do conhecimento, segundo Luckesi e Passos (2004), é o processo pelo qual o sujeito vai construindo a explicação para a realidade que tem dentro de si. É claro que não existem concepções puras, tampouco práticas puras, uma traz vestígios da

outra ou de outras. O próprio sujeito, neste processo que é dialético, vai constituindo sua concepção filosófica, dando sentido e significado a sua prática docente.

3 Concepções da Filosofia da Educação e a construção do perfil docente

Para melhor compreender a construção filosófica da identidade e do perfil docente, faz-se necessário trazer nesta reflexão as caracterizações das concepções filosóficas da educação, que hoje são discutidas nos meios acadêmicos e na formação continuada de docentes. As concepções, segundo classificação proposta por Saviani (1994), são: humanista tradicional, humanista moderna, analítica e concepção dialética.

- a) **Concepção humanista tradicional:** Para esta concepção, também chamada de concepção essencialista, o sujeito constitui-se de uma essência imutável e à educação cabe aceitar e acolher essa essência. Não há lugar para inovações e as mudanças são consideradas acidentais. O ser humano é o que é, ou seja, nasce determinado. Há duas vertentes nesta concepção, a religiosa, cuja manifestação se consubstancia nas correntes do tomismo e do neotomismo e a vertente leiga, centrada na ideia de “natureza humana”. É desta vertente que surgiu os sistemas públicos de ensino laicos, obrigatórios e gratuitos. Destaca-se, neste sentido, o intelectualismo de Herbart, que desenvolveu o método de ensino que pode ser sintetizado em cinco passos: preparação; apresentação, assimilação; generalização e a aplicação. Método utilizado na maioria das escolas até os dias atuais. Na visão tradicional se privilegia o adulto, considerando-o como homem completo. Por isto, a educação se centra no educador e no conhecimento.
- b) **Concepção humanista moderna:** Esboça-se numa visão de homem centrada na vida, na existência, na atividade. Esta concepção abrange correntes, como o existencialismo, pragmatismo, fenomenologia. A existência precede a essência. Conforme Dewey (1980), a educação é vida; vida é desenvolvimento e a finalidade do desenvolvimento é mais desenvolvimento. A natureza humana é mutável, determinada pela existência. O homem é considerado completo desde o nascimento e inacabado até morrer. Então, a educação foca-se no educando, na vida, na atividade. O elemento que define o ser é característica do próprio existir. O homem é ligado de forma concreta à realidade e a partir desta ligação com o mundo vai se construindo. O ser é de fato o que parece, a realidade está no fenômeno e não fora dele.

A educação não segue um processo contínuo, segue um ritmo variado, determinado pelas diferenças individuais, em que, às vezes, predomina o psicológico sobre o lógico e os momentos educativos acontecem independentemente da vontade ou da preparação. O necessário é estar pré disposto para esta possibilidade de acontecimento.

- c) **Concepção analítica:** O significado de uma palavra só pode ser apontado em função do contexto que é utilizada, entendido como contexto linguístico e não sócioeconômico ou político. Parte do princípio de que o significado de uma palavra é dado pelo emprego, pelo uso ou funcionalidade que se faz dela. Ou seja, pressupõe que a tarefa da Filosofia da Educação é efetuar a análise lógica da linguagem educacional.
- d) **Concepção dialética:** Concebe o sujeito com o resultado das relações sociais e de seu meio social. Admite a realidade como algo dinâmico, mutável, sujeito a transformações. A tarefa da Filosofia da Educação é explicitar os problemas educacionais, que precisam ser entendidos como integrantes de um contexto histórico que estão inseridos. Assim como a concepção humanista moderna, a concepção dialética admite que a realidade é dinâmica e este dinamismo se explica pela interação recíproca de todas as partes que o formam, bem como das contradições que lhe são inerentes, portanto, sua própria negação. Neste sentido, a educação tem o papel de contribuir para uma nova formação, a partir da velha e dominante, pois a essência humana nesta concepção é produzida historicamente. Ela existe assim que o ser humano nasce, mas é dinâmica, produzida e modificada historicamente.

As concepções destacadas acima se articulam com as correntes ou tendências filosóficas: positivismo relaciona-se com a concepção tradicional; o existencialismo com a concepção humanista moderna; o marxismo com a concepção dialética e a fenomenologia com a concepção analítica.

Consideramos oportuno articular estas correntes e tendências filosóficas com as propostas e práticas educacionais, visando contribuir para uma maior compreensão acerca da construção do perfil docente a partir do olhar desta articulação.

O positivismo é compreendido como um paradigma filosófico naturalista e materialista, que compreende três idéias centrais: todo o conhecimento do mundo material decorre dos dados ‘positivos’ da experiência e é somente a eles que o investigador deve ater-se; existe um âmbito puramente formal, no qual se relacionam as ideias, que é o da lógica pura e o da matemática; todo conhecimento dito “transcendente” metafísico, por exemplo, se situa além de qualquer possibilidade de verificação prática, portanto, deve ser descartado.

O contexto educacional escolar amparado nesta ideologia serve aos interesses da classe dominante, pois propaga a reprodução do *status quo*. O sistema educacional brasileiro pelo paradigma positivista organiza o ensino por disciplinas isoladas, desconsiderando os saberes sobre o homem e sua existência. As aulas, com essa orientação, tornam-se repetitivas e reprodutivas, com conteúdos descontextualizados e fragmentados. O professor, na visão da escola tradicional, deve reproduzir o conhecimento que é pronto e acabado. Cabe ao aluno memorizar e reproduzir a informação. O professor fala, o aluno ouve. Não há tempo para discussões ou questionamentos, portanto, não há tempo também para construção de novos conhecimentos ou elaboração do pensamento crítico. Assim, a educação escolar concebida no positivismo, para Ronca; Terzi (1996, p. 24):

... ao invés de incentivar a organização de pensamento, incita à dispersão, à superficialidade. Troca a possibilidade de uma reflexão crítica mais coletiva pela certeza da simplista transferência de conhecimentos, mais unilateral e individualista. Egocêntrica, talvez: é o professor que transfere o conteúdo que ele sabe. O aluno o recebe pronto. Basta memorizá-lo. Mais tarde, na prova, será cobrado.

Entretanto, segundo Demo (1987), com o positivismo ganhou-se mais rigor científico, agarrando-se nas condições lógicas das pesquisas. Por outro lado, vem se atribuindo um crescimento maior pela análise filosófica, pois ela vem contribuindo com a reflexão epistemológica para a invenção de novos métodos que dêem conta de alguns problemas da ciência. Além disso, a ciência necessita da reflexão filosófica para desvendar os interesses que comandam seus processos e utilização de seus resultados.

Concebe-se a fenomenologia como o estudo dos fenômenos em si mesmos, independentemente dos condicionamentos exteriores a eles, cuja finalidade é apreender sua essência que é a estrutura de sua significação. A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência. Toda a verdade é construída sobre o mundo vivido, e para fazer ciência com sentido e com rigor, deve-se considerar a experiência do mundo, da qual ela é expressão. Propõe uma reflexão exaustiva, sempre e contínua, sobre a importância, validade e finalidade dos processos adotados. Não deve haver sistemas concluídos, pois o papel de estar no mundo é sempre interrogá-lo. Na fenomenologia as percepções dos sujeitos são importantes e, sobretudo, salienta o significado que os fenômenos têm para as pessoas.

Os críticos da fenomenologia afirmam que ela considera a história da realidade, sendo conservadora, tal qual o positivismo, e que estuda a realidade com o intuito de descrevê-la, de apresentá-la como ela é, de fato, em sua experiência pura, sem intenção de nela realizar transformações substanciais.

Para a educação escolar, a fenomenologia dá ênfase ao ator, na experiência pura do sujeito, em forma subjetiva. Por conseguinte, não faz uma leitura crítica sobre a força opressora e alienante da ideologia, que a classe abastada exerce sobre a classe menos privilegiada. Segundo Trivinos (1987), elimina-se, por essa corrente filosófica, todas as possibilidades que as informações possam se revelar além da máscara que a ideologia dominante pode oferecer.

Para Luckesi e Passos (2004, p. 227) a tendência filosófica marxista “constitui-se em uma teoria materialista da sociedade, para a qual o mundo material exerce uma predominância sobre o mundo ideológico e no qual o movimento é sua própria essência.” Hegel, filósofo alemão do século XIX explica o materialismo dialético afirmando que o processo dialético impulsiona o desenvolvimento da ideia absoluta pela sucessão de momentos de afirmação (tese) de negação (antítese) e de negação da negação (síntese). O materialismo histórico é a aplicação da teoria de Marx ao estudo da evolução histórica das sociedades humanas, pelas quais, o modo de produção dos bens materiais condiciona vida a social, política e intelectual que, por sua vez, interage com a base material. Autores como Marx, Engels, discutem que a história de todas as sociedades do passado é a história da luta de classes. Nesse sentido, no decorrer do processo histórico, as relações econômicas evoluíram segundo uma contínua luta dialética entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores espoliados e explorados.

O materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade. Para Triviños (1987, p.51) “o materialismo histórico significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais que, até o nascimento do marxismo, se apoiaram concepções idealistas da sociedade humana”.

Desse modo, o docente que se apoia nos fundamentos da matriz filosófica do materialismo histórico dialético, deve ter presente em sua estrutura de pensamento uma visão de mundo dialética da realidade natural e social. Deve estar convencido de que existe uma realidade objetiva fora da consciência e que esta consciência é um produto resultante da evolução do material, o que significa que para o marxismo, a matéria é o princípio primeiro e

a consciência é o aspecto secundário. Este processo se manifesta com uma explicação do processo histórico a partir das relações de produção material na sociedade.

Esta corrente filosófica revela a historicidade do fenômeno e suas relações em nível mais amplo e complexo de um contexto e, ao mesmo tempo, estabelece e aponta as contradições possíveis dentre os fenômenos investigados. Neste século, segundo Luckesi e Passos (2004, p. 227), “a concepção marxista tem sido largamente estudada como recurso para desvendar as tramas sociais”, no campo da política e da educação. Destaca-se que foi nesta tendência filosófica que algumas tendências pedagógicas se inspiraram para construir suas matrizes teóricas muito discutidos nos meios acadêmicos e presentes nas diretrizes curriculares, pensamentos e práticas escolares atuais, como por exemplo, o princípio de interdisciplinaridade e contextualização.

Segundo Saviani (1994), a partir da concepção dialética é possível compreender o aparecimento e a superação das diversas concepções filosóficas e pedagógicas, que se constituem no tempo e espaço, na medida em que se configuram as relações de produção e poder da sociedade em questão.

Por esta concepção, a formação docente precisa ser encaminhada no sentido de contribuir para que o professor perceba e compreenda, crítica e globalmente, a sua prática no confronto com o contexto micro e macropolítico da escola. Uma formação docente que reconhece o conhecimento que os professores possuem com ênfase na crítica reflexiva dos mesmos, possibilitando-lhes colocar o poder do cotidiano escolar em discussão e a ultrapassar as limitações do existir.

Isso será possível se o docente tiver oportunidade de ressituar suas pautas habituais, alterando significados convencionais por novas linguagens, diálogos e novas identidades. Se a formação se constituir como espaço no qual os professores possam problematizar os discursos que servem para organizar e legitimar os modos específicos de nomear, organizar e vivenciar a realidade escolar e social (textos didáticos, disciplinas, currículos, divisão de tempo, espaço, etc.); entender como se produzem as significações no âmbito dos espaços educativos em que se movimentam, que em geral têm deles somente uma visão parcial e pouco consciente (PEREIRA, 2009) .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de Filosofia da Educação abordadas nos permitem compreender e identificar os aspectos filosóficos que permeiam e refletem o perfil docente contemporâneo. Destas concepções derivam as tendências e correntes da educação brasileira, que historicamente foram se construindo e transformando-se por consequência em opções e manifestações pedagógicas na prática docente. Estas concepções, segundo Saviani (1994), se interpenetram e compõem uma teia cujos fios precisam ser desembaraçados, se quisermos compreender as características que definem a prática pedagógica e devem ser levadas em conta na construção do projeto escolar e no processo de formação continuada dos profissionais da educação.

Contudo, é preciso perceber que para uma ação pedagógica mais humana e uma educação mais lúcida e coerente, como enfatizado por Freire (1996), os docentes necessitam pensar criticamente em sua prática pedagógica, que tipo de homem querem formar, partindo de pressupostos filosóficos que permitam a condução de um mundo mais justo e mais igualitário, isto é, uma prática pedagógica de fato transformadora. Não há como direcionar objetivos educacionais se não tivermos claros os valores determinantes de nossa ação. A pertinência da Filosofia neste sentido adquire sua real importância se os profissionais da educação forem capazes de entender que a educação está fortemente ligada à questão: ‘O que é um ser humano?’ e se estes mesmos profissionais derem conta de responder a esta pergunta com uma prática condizente e coerente.

Para além da qualificação técnica e científica espera-se que o perfil docente contemple uma fundamentação filosófica voltado a um projeto existencial voltado para a transformação da realidade. Difícil entender um projeto educacional fora de um projeto político, histórico, social e que articule o destino das pessoas ao de uma comunidade humana afastada de uma visão de totalidade.

Nesse sentido é preciso avaliar que ter clareza crítica da concepção filosófica que fundamenta a prática pedagógica docente, pode nos encaminhar para a superação de uma prática pedagógica fragmentada, de sentido e significação equivocados.

Concordando com Severino (1986), podemos afirmar que a educação é uma força de transformação social, desde que alicerçada em uma prática transformadora. Essa prática depende da visão de sujeito e de mundo que esse docente tem construído e estas visões ou concepções, orientam o perfil docente. Portanto, é neste processo de “existência” do homem,

de sua rede de significações, de suas referências de mundo e de si mesmo, seus conceitos, crenças, ideias, atribuições sobre si e sobre seu ambiente físico e social, que o docente constrói sua identidade filosófica, construindo seu perfil e desenhando sua prática.

Compreendendo que esta construção é mutável, ressalta-se que o grande desafio para nós docentes e educadores, está em reformular nossa práxis pedagógica luz das concepções e teorias que visem uma transformação social para um mundo melhor para todos.

REFERÊNCIAS:

- DEMO, P. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 106-179.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LUCKESI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elizete Silva. **Introdução a filosofia aprendendo a pensar**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- PEREIRA, Antonio S. Formação continuada de professores e literatura internacional: contribuições e impasses. In: XII Congresso da Associação Internacional para Pesquisa Intercultural (ARIC), 2009, Florianópolis/SC. Anais do XII Congresso da ARIC, 2009.
- REGO, Cristina Teresa. **Uma Perspectiva Histórico-cultural da Educação**. 18.ed. Petropolis: Vozes, 2007
- RONCA, P.A. TERZI, C.A. **A prova operatória: contribuições da psicologia do desenvolvimento**. 10. ed. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1996.
- SAVIANI, Demerval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: _____. **Filosofia da educação brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p.19-45.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Social: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.